

Grupos e gangues timorenses crescem e diversificam-se: novo relatório

— Persistem as actividades ilícitas e ligações a figuras políticas —

DÍLI, 15 de ABRIL — Em anos recentes, os gangues timorenses e outros colectivos têm-se diversificado e multiplicado. A sua presença é cada vez mais uma constante num vasto conjunto de actividades ilegais, incluindo a pequena extorsão, os bandos-de-aluguer (*mobs-for-hire*) e o crime organizado. Embora as ligações a figuras políticas sejam geralmente informais e extremamente fluidas, a mobilização de multidões para iniciativas partidárias permanece uma característica marcante da paisagem política timorense, segundo um novo relatório.

Tendo a sua origem em células da resistência clandestina durante o período de ocupação colonial indonésia, os grupos armados incluem agora peticionários veteranos insatisfeitos, associações clandestinas, frentes políticas, grupos de artes marciais (GAMs), gangues baseados nas aldeias, colectivos de jovens e organizações de segurança privadas. Muitos são compostos apenas por jovens insatisfeitos e não integrados. Mas os seus membros parecem provir de todos os sectores e estratos da sociedade, incluindo a polícia, forças armadas e a elite política e económica.

Antes de 2006, os gangues, GAMs e outros grupos constituíam um elemento presente mas deficientemente reportado do Timor-Leste pós-independência. Durante e após a crise de Abril-Maio de 2006, contudo, houve um acréscimo na violência associada aos gangues relacionada com disputas sobre propriedades, acesso aos esquemas de protecção em Díli e como vingança de crimes anteriores—fossem eles reais ou imaginários. Quando a crise terminou, mais de 3000 casas tinham sido destruídas e 140 000 pessoas tinham sido deslocadas pelas circunstâncias. Mesmo assim, a violência entre o grupo clandestino 7-7 e o GAM PSHT persistiu até 2008.

‘*Grupos, gangues e violência armada em Timor-Leste*’, que é hoje publicado pela Austcare e pelo *Small Arms Survey*, faz uma análise dos gangues e diferentes grupos que operam em Timor-Leste e descreve as suas actividades, relações nas comunidades e padrões de utilização de armas. As suas principais conclusões incluem:

- Embora a composição, estruturas de comando e controlo e motivações dos gangues timorenses sejam heterogéneas, estes grupos estão geralmente organizados em redes de patrocínio e relações de parentesco (*patronage and kinship networks*) centradas numa única figura, onde a lealdade é assegurada através da prestação de pequenos serviços.
- Em anos recentes, a influência e alcance dos GAMs cresceram consideravelmente. Existem actualmente pelos menos 20 000 membros registados em tais grupos—e, possivelmente, pelo menos igual número de membros não-registados—e a sua influência faz-se sentir nos 13 distritos. Díli transformou-se no principal campo de batalha para os GAMs e os confrontos são públicos e cada vez mais frequentes.
- Os factores que influenciam a violência dos gangues incluem conflitos pré-existentes e assassinatos em retaliação entre grupos étnicos. Os conflitos podem ter raízes de décadas e são agravados por disputas em torno de propriedades,

desemprego sistémico, diferendos políticos, rivalidades relacionadas com o controlo de determinados territórios, crimes de natureza predatória e auto-defesa.

- As armas ligeiras e de pequeno calibre de fabrico industrial não parecem desempenhar um papel essencial no exacerbar da violência entre gangues em Timor-Leste. A maior parte da violência é cometida com armas tecnologicamente pouco sofisticadas, incluindo pedras, setas e explosivos rudimentares, lançadores de dardos e *rakitans* de fabrico artesanal, embora sejam ocasionalmente utilizadas pistolas e espingardas de assalto.
- As autoridades têm procurado responder à violência dos gangues com iniciativas que vão desde operações lideradas pelas forças de segurança a ‘processos de paz’ mediados pelo Gabinete do Primeiro-Ministro e pela sociedade civil. Os progressos não têm sido muito evidentes por causa do limitado empenhamento político, deficiente coordenação e reduzido investimento financeiro por parte dos actores internacionais e domésticos.
- Existem diversas abordagens promissoras para lidar com a violência provocada pelos gangues. Tais abordagens incluem comissões inter-institucionais dedicadas às políticas para a juventude e mediação, regulamentação e registo de grupos específicos e das suas lideranças, mapeamento cuidadoso e rigoroso dos territórios dos diversos gangues, monitorização transparente das ligações entre políticos e líderes de gangues e a colocação de elementos de ligação aos gangues em aldeias-chave.

Este relatório é o segundo de uma série de *Notas Informativas* produzidas pelo *Timor-Leste Armed Violence Assessment (TLAVA)*, um projecto de investigação independente sob os auspícios da ONG internacional Austcare e do *Small Arms Survey*, uma organização sediada em Genebra. O TLAVA propõe-se formular opções políticas válidas para benefício do governo e sociedade civil timorenses e seus parceiros, destinadas a reduzir a violência armada. As opções apresentadas baseiam-se em dados concretos e o projecto recorre a um conjunto de métodos—desde a monitorização da saúde pública a investigações baseadas em *focus groups* e entrevistas—para identificar prioridades e estratégias práticas. O TLAVA tem o apoio da *Australian Agency for International Development (AusAID)*.

O relatório está disponível em inglês, tétum, indonésio e português em www.timor-leste-violence.org.

Para entrevistas ou informações adicionais, por favor contacte:

Robert Muggah
Small Arms Survey (Díli)
+41 78 812 9766
robert.muggah@smallarmssurvey.org

Mark Chenery
Austcare (Sydney)
+61 2 9565 9106
mchenery@austcare.org.au